

AUTO DE FÉ

Álvaro Laborinho Lúcio

Manhã de Domingo. O abafo do dia começara mal nascera o sol. Um ancião, vergadas as costas pela insistência do tempo, raspando o chão no arrasto dos pés, vindo do fundo da vila, subia a Rua das Malvas. Apontava, lá ao alto, para a Rua Direita que o levaria à Igreja Matriz, ainda plantada fora do casario, nos limites da povoação, como a pedir colo a quem quisesse adoptá-la.

Era Domingo. Já se disse. Dia de missa. Nunca faltara.

Na cabeça do velho homem, fosse pela força da canícula, fosse pelo desgaste do uso ao cabo de tantos anos, fosse, sabe-se lá, pelo poder de uma imaginação a recusar render-se, misturavam-se os tempos, as memórias, a experiência vivida com as histórias ouvidas de outras gentes, de outras gerações. E foi assim que, ao chegar à Praça e ao dar de frente com o edifício dos Paços do Concelho, estacou, ergueu o olhar, apurou o ouvido e percebeu.

Das ruas vizinhas chegava, em sucessivos magotes, o povo da terra. Seria outra vez a vinda do Senhor D. Miguel? O regresso do «suspirado, e legítimo Rei»? Mas, não. Homens e mulheres aglomeravam-se em redor do pelourinho. Várias delas vinham trazidas pela intriga forjada nas traseiras, na Praça da Vila de Cano, nos degraus do fontanário onde chegavam as notícias e se enredava a verdade de cada dia. À varanda sobranceira ao pelourinho, aportavam os mais altos dignitários locais, acolhidos com vivas estridentes vindos do chão, da voz do coro. Em baixo, à esquerda, na peixaria, apurava-se a salga que levaria, daí a pouco, o peixe seco às portas do bodo. À direita, no açougue, pendurava-se, em baloiço ritmado, o borrego convocado para a cerimónia como o primeiro dos que haveriam de se seguir para dar vida a toda a tarde.

Dobrada a esquina pela direita, no subsolo da edilidade, as grades da prisão guardavam o condenado. A este cabia gritar. De aflição. De medo.

A cada apelo seu, horrendo na dor, no desespero, correspondia o povo: — À morte! À morte!

Do campanário, lá ao alto, a coroar o poder, soltavam-se os badalos acordando os sinos.

O ancião detivera-se no meio da população. Perdido no tempo, não sabia distinguir o que via, do que imaginava. Do Forno da Ordem — parecia-lhe — desprendia-se um estranho odor a pão e a paz, enquanto do sol se soltavam raios que faziam reluzir as «dez alabardas» que formam o Conjunto Metálico do Cano.

Vindo do largo fronteiro à Igreja, pelas bandas de baixo, chegava o carrasco, de negro vestido, de rosto escondido. Os gritos de «à morte... à morte», recrudesceram e tronaram-se ensurdecedores quando, arrastado por três soldados, chegou o condenado.

Ao fundo. No fim da rua Direita. Na Igreja Matriz. Tinha início a eucaristia dominical. Terminavam os cânticos de acolhimento. Subia o sacerdote ao altar. E dizia, persignando-se:

— In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.

Na Praça, em coro, o público respondia:

— Ámen.